

MÁRCIO RABELO

A CASA DA CHÁCARA

UMA HISTÓRIA EM
METALINGUAGEM



A CASA DA CHÁCARA

UMA HISTÓRIA EM
METALINGUAGEM

MÁRCIO RABELO

A CASA DA CHÁCARA

UMA HISTÓRIA EM
METALINGUAGEM





A casa da chácara: uma história em metalinguagem
Copyright © 2020 - *Márcio Rabelo*
Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110
Centro – Rio de Janeiro – 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Revisão:

Leticia Rio Branco

Arte de Capa:

Fábio Darci

Ilustrações do livro:

Ítalo Melo

Diagramação:

Pod Editora

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R114c

Rabelo, Márcio

A casa da chácara: uma história em metalinguagem / Márcio Rabelo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : PoD, 2020.

156 p. ; 21 cm.

Inclui índice

ISBN 978-65-86147-77-3

1. Ficção brasileira. I. Título.

20-67838

CDU: 869.3

02/12/2020

CDU: 82-3(81)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Dedico este livro a todas as infâncias
que carregamos com a gente...

O *autor*

Prefácio

Ler e escrever são, na maioria das vezes no Brasil, atividades ligadas ao cumprimento de tarefas escolares e, por isso, classificadas como maçantes; totalmente desligadas do campo do prazer, da diversão. Mas em **A casa da chácara: uma história em metalinguagem**, vemos uma perspectiva bem diferente da usual: aqui, leitura e escrita dão-se as mãos e criam dois enredos ao mesmo tempo: o primeiro – ficcional – relata-nos a história de Jurena, a Juna, e suas aventuras com seu amigo Davizinho, sua mãe Jurema – Juma, Seu Nestor - o dono da venda, Dona Senhora – proprietária do sítio – e mais uma série de personagens que surgem ao longo da história. A segunda – metalinguística – explica como se faz uma história, como se constroem as personagens e como se alimentam os enredos. Resumindo: a segunda história explica o passo a passo de como se faz a primeira, ou seja, esclarece que todo mundo pode ser um escritor, como a Juna.

Vale lembrar que Juna, apelido de Jurena, denominação de nossa protagonista, é o feminino equivalente a Juno, deus romano. Assim, Juna é a rainha dos deuses e seu nome significa juventude. Eis uma protagonista jovem em um livro escrito para jovens (ao menos, de alma), cujo enredo fala da importância de manter mente e espírito renovados. O segredo da vida, pois, está em manter-se jovem, em qualquer idade.

Aliás, há, no livro, dois elementos que costuram os enredos. Essas duas metáforas, sentido figurado que atribui

valor e significado associado a outro elemento/ser, são a do astronauta e a da lagarta. Então vamos lá:

O/a astronauta é aquele(a) que viaja para outros mundos, sendo capaz de estar no universo, pisar em satélites, como a Lua, ou até mesmo ser possível chegar a outros planetas (quem sabe, no futuro próximo). Viver no mudo da lua pode parecer ter um sentido de gente que não lida com a realidade, que está desconectada da vida. Mas, no livro, estar nesse mundo da lua ganha o significado de imaginação. Para escrever, é preciso imaginar, criar, propor um enredo que, mesmo se baseando no mundo cotidiano, rompa essa realidade, criando outra, como Juna faz em seu caderno de histórias. Ser astronauta é, pois, condição essencial para um escritor, uma escritora. Ser astronauta é viajar através de sua mente e criar mundos, diálogos e pensamentos.

Ser astronauta/escritor só é possível porque, antes, fora astronauta/leitor. Ao ler, conseguimos informações para imaginar. A leitura nos dá instruções para sermos astronautas. E lendo, conseguimos material para escrever. Escrevendo, agregamos material para continuar escrevendo... e para ler de novo. Astronauta da leitura e da escrita faz viagens sem fim, passeando por planetas, viajando por cometas, conhecendo asteroides, circulando sóis.

A outra metáfora diz respeito à lagarta. E é bom lembrar que esse inseto passa por três fases, ou seja, a lagarta não será uma lagarta para sempre: ela nasce lagarta, passa pelo estágio de pupa e, por fim, transforma-se em borboleta. Juna, no livro, acompanha esse milagre da vida através da árvore repleta de lagartas perto de sua casa. No começo,

ela teme os pequenos animais, mas, ao acompanhar as suas fases de vida, aprende que, no mundo, tudo e todos podem se transformar.

O escritor também é uma lagarta: no começo, ele se alimenta de tudo o que lê, fortalece-se com esses conhecimentos adquiridos; depois, vira pupa, ou seja, cria seu casulo para escrever, analisa as ideias que tem, exercita o texto no papel, reescreve, risca, apaga, tenta de novo; por último, surge a borboleta ou a mariposa, o texto finalizado, pronto para ser lido por outras pessoas. A lagarta/leitor precisa evoluir para dar lugar à borboleta/escritor. Juna vive esses estágios, aprende, com as pessoas com as quais convive, que nunca se é só uma coisa/ser. É sempre possível mudar, melhorar, crescer, amadurecer. É certo que há pessoas/lagartas, que se negaram a melhorar enquanto seres humanos, mas há, também, muitas pessoas/borboletas, que são aquelas, como Juna, que estão dispostas a aprender, a compartilhar e rever seus conceitos e opiniões. Aliás, é disso, inclusive, de que trata o livro **A casa da chácara: uma história em metalinguagem**.

O texto de Márcio Rabelo trata de como podemos nos transformar de lagartas em borboletas ou mariposas passando pelo período no casulo, de autoconhecimento. O texto nos fala de possibilidades, nunca de obrigatoriedades. É possível ser uma jovem e um jovem melhor, é possível ser não preconceituoso, é possível ser feliz seja na simplicidade da rua em que vivemos. Não é o lugar que vai determinar minha felicidade, mas sou eu, é você. Juna e Davizinho, Juma e Dona Naná são felizes por aquilo que são e que

construíram ao longo de suas vidas. Se eles podem, nós podemos também.

Mas, antes de tudo, **A casa da chácara: uma história em metalinguagem** é uma história que nos fortalece a capacidade de imaginar e nos anima a seguir sonhando, criando e escrevendo. Por isso, a mensagem dessa obra é que eu, você, jovem, adulto, idoso não nos contentemos em ser lagartas a vida toda, mas que aproveitemos esse período inicial para aprender. Em seguida, que possamos evoluir para os demais estágios até podermos voar livremente. Ah, e se não podemos voar de forma literal, como astronautas e mariposas, temos a capacidade de fazê-lo simbolicamente por meio das leituras e escritas que fazemos.

Que possamos ser borboletas ou mariposas e transformar a nossa vida e o meio em que vivemos com as cores de nossas asas e com a singeleza do nosso voo. E voando, possamos espalhar as palavras que lemos e escrevemos. Elas, as palavras, irão muito mais longe que nós e alcançarão outros mundos, habitarão diferentes casas, chácaras, mansões. Que sejamos como Juna, astronauta, Junauta!

João Evangelista do Nascimento Neto¹

¹ Professor de Literatura do Campus V da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

OS MOMENTOS DA HISTÓRIA

UM	CONHECENDO A MENINA JURENA
DOIS	O NARRADOR DA HISTÓRIA
TRÊS	EM CENA, A MÃE DE JURENA
QUATRO	FORMATANDO UM POUCO A HISTÓRIA
CINCO	JURENA E A ORTOGRAFIA
SEIS	A HISTÓRIA EM PROJEÇÃO MATEMÁTICA
SETE	DAVIZINHO E AS CARAMBOLAS
OITO	A CASA DAS LAGARTAS
NOVE	CONVERSAR COM LAGARTAS
DEZ	UMA SENHORA À ESPREITA
ONZE	CONVERSA A RESPEITO DELA
DOZE	OS INVASORES
TREZE	AVALIANDO A AVENTURA
CATORZE.....	O ELEMENTO SUSPENSE
QUINZE	QUERIA SABER
DEZESSEIS	UMA VISITA INESPERADA
DEZESSETE	SONHO OU VERDADE?
DEZOITO	ORGANOGRAMA
DEZENOVE	OUTRO MISTÉRIO
VINTE	POEMA DA MARIPOSA
VINTE E UM	OUTRA VEZ NO CASARÃO
VINTE E DOIS	O QUARTO POR DENTRO
VINTE E TRÊS	DONA SENHORA
VINTE E QUATRO	ELA, A LAGARTA
VINTE E CINCO	O VICIANTE AÇÚCAR DAS FRUTAS
VINTE E SEIS	DESVENDANDO O MISTÉRIO
VINTE E SETE	O FACÃO E A ESPINGARDA
VINTE E OITO	O VOO DA MARIPOSA
VINTE E NOVE	SAINDO PELAS JANELAS
TRINTA	O PORÃO
TRINTA E UM	O RESTINHO DA HISTÓRIA

**ERA UMA VEZ UMA CIDADE
DE CUJO NOME NÃO ME
RECORDO
NESTA CIDADE UMA RUA
DE CUJO NOME NÃO ME
LEMBRO
HAVIA UMA CHÁCARA E UM
CASARÃO
E UMA SENHORA
DE SETENTA
PLUMERIAS E JASMINS MANGA
COMIDA DE
LAGARTAS
UMA MENINA E SEU
CÚMPLICE
PERALTAS DE
UM DESTINO
QUE AGORA
CONHECERÁS...**



UM:

CONHECENDO A MENINA JURENA



Jurena morava na última casa da rua, ao lado de uma chácara. Esta chácara pertencia a uma mulher bem velha, uma anciã de coluna meio curvada, chamada Dona Senhora. Embora residisse numa rua com apenas duas casas e um ou dois amigos, Jurena não era uma garota solitária. Gostava, na verdade, de escrever; e quem tem inclinação para compor histórias nunca está sozinho.

Depois de ter lido “O Pequeno Príncipe”, inventou, por exemplo, uma personagem de nome Penélope. Penélope era uma astronauta mirim que morava na Lua. Nesse conto, a Lua era habitável e a menina vivia a viajar pela galáxia em companhia do pai – o astronauta Rei. A missão consistia em descobrir outras formas de vida inteligente e estabelecer contatos interplanetários. Aconteceu, porém, que em uma dessas viagens, a menina se perdeu do pai e agora ela vivia vagando pelos planetas a procurá-lo.

Mas essa era uma história que ela inventou, dentre tantas que inventava. Enquanto isso, na vida real...

Tinha nove anos de idade e morava com a mãe naquela rua quase deserta. Na entrada da avenida, apenas a venda do seu Nestor, e, dando uns passos mais para lá, a lojinha de brinquedos e variedades de dona Naná. Na venda de seu Nestor, os doces de que ela gostava; na lojinha de dona Naná, os brinquedos que davam asas a sua imaginação. Havia, inclusive, uma boneca que nunca era vendida. Foi lá que viu pela primeira vez um boneco de astronauta e, lendo “O Pequeno Príncipe”, associou uma coisa a outra e inventou a história dos cosmonautas.

Juna - como era mais conhecida - registrava as histórias em folhas avulsas de papel. Depois, mostrava para a dona da loja de brinquedos, esta sua amiga adulta, que as lia dramatizando, isto é, fazendo caras e bocas, modificando a entonação, imitando o que ela julgava ser as vozes das personagens. Uma vez, dona Naná ficou triste porque Juna perdera a folha, em cujas linhas estavam a continuação da história:

– Mas que pena! Logo nessa parte... Ah, fiquei curiosa... reescreva-a e traga para mim. Ou então encontre a folha que você perdeu...

– Tá bom – falou um pouco envergonhada.

Na maioria das narrativas que compunha, fazia-se de personagem, o que dava a ela dois títulos de uma só vez: narradora e escritora. Quem lhe informou foi dona Naná:

– Se você escreve uma história e ao mesmo tempo é personagem dessa história, sabe o que você é?

A menina Jurena balançou a cabeça negativamente.

– Você é escritora, porque escreve a história, e narradora, porque conta a história. Então, você é escritora e narradora de uma só vez.

Juna olhava muda e curiosa para a dona da loja. Na verdade, fazia esforço para compreender o que acabara de ouvir. Observava que dona Naná sabia de muitas coisas e queria ser assim quando crescesse. Quando ficasse adulta, queria saber coisas e distribuí-las às pessoas, contar às pessoas, falar às pessoas tal qual aquela sua amiga de tanta idade.

Então eu sou duas em uma, escritora e narradora? — indagou-se, permanecendo parada no pensamento, que, quanto mais alongava, menos o decifrava. Estaria diante de um segredo? Ser escritora e narradora ao mesmo tempo seria uma espécie de superpoder? O que se faz com um segredo que não se entende? É possível usá-lo sem compreendê-lo, ou primeiro é preciso compreendê-lo para depois usá-lo?

Ainda que as respostas parecessem fugir, a menina não dava sinais de desânimo. Encontrá-las-ia mesmo que tivesse de atravessar um labirinto e desvendar um mistério. Por ora, bastava saber que ser narradora era bom, e, ser escritora, melhor ainda. É um poder. E quem tem poderes não pode sair por aí dizendo que os tem, intuiu.

Foi por causa desse segredo que ela conseguiu romper a mudez que a deixara inerte diante de dona Naná:

— A senhora pode guardar o meu segredo?

— Mas qual segredo, minha querida? — perguntou, com certo espanto, a mulher de cabelos grisalhos.

— Que eu sou escritora e narradora ao mesmo tempo — respondeu baixinho, com medo de que alguém escutasse.

— E por que eu deveria guardar esse segredo? — sussurrou dona Naná, imitando a menina.

— Porque eu só quero contar na hora certa — respondeu, com a voz quase inaudível.

Dona Naná considerou que Juna se transportava para novo devaneio, e tratou de dar gás a sua imaginação:

— Está certo, está certo, você tem toda razão. Uma vez revelado, o segredo deixa de ser segredo.

A dona da loja foi até uma das prateleiras e pegou um caderninho, que vinha com uma boneca e uma caneta. Entendeu-o à menina:

– Um presente meu, pegue! Leve-o para casa e escreva, escreva, escreva! Escreva tudo o que você quiser. Só não vale arrancar as folhas e perdê-las para não deixar as histórias incompletas.

Jurena ficou a olhar para o caderninho depositado em suas mãos. Em seu rosto, os olhos brilhavam e a boca esticou-se num sorriso dilatado e agradecido. O caderninho era colorido, como ela gostava.

– Muito obrigado, dona Naná! – falou, sem desfazer o sorriso.

– Espero que se divirta muito.

A menina balançou a cabeça, desta vez afirmativamente, e foi saindo da loja, como quem flutuasse. Aí, correu depressa para chegar em casa e escrever, escrever, escrever; ser escritora e narradora, isto é, fazer uso dos superpoderes que possuía.



Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844

www.podeditora.com.br

atendimento@podeditora.com.br

2020